Elder Walburges Cosendey

“Sob a Lua dos Retirantes”

Contos

Capa:
"Retirantes", pintura
de Portinari

Dedicatória

Para meus primos:
Sérgio Perlingeiro,
Maria Aparecida Quintal Cosendey Perlingeiro,
Rogério Cosendey Perlingeiro
Eli Ana Cosendey
e ao grande amigo-irmão
Paulo Cleto Alves Mendes

Índice

I – Carro de Boi	07
II – Um Homem Comum	19
III – Ensaio Geral	37
IV – Solidão	57
V – Funeral de um Lavrador	67
VI – Sob a Lua dos Retirantes	87
VII – Zezé, um Criado Mudo	105
VIII – Beije-me Sorrindo, Outra Vez	123
IX – Na Jaula dos Leões	153
X – Uma Vida Prolongada	165

XI – Confissões Numa Noite de Chuva 185

XII – Ei, Acorda! 213

I

“Carro de Boi”

Um pouco abaixo da humilde casa de estuque, entre as bananeiras, o homem acocorado fazia suas necessidades. O inverno chegou violento. A brisa fria da madrugada era como um fio de navalha. Ao terminar, limpou-se com uma folha de taioba e subiu a pequena elevação.

Estava uma madrugada escura, melancólica. De vez em quando, quebrando a monotonia do lugar, ouvia-se um mugido e a tosse incessante do homem. Ajeitou o casaco no corpo, esfregou as mãos e foi ter com a mulher que dava uma arrumação nos pedaços de cana sobre a carroça. Os bois estavam impacientes, bufavam. Mastigavam capim e do canto de suas bocas descia uma baba amarelada.

O homem era macilento, os ossos do rosto e do peito eram salientes. Sobre a cabeça, um velho chapéu de palha ocultava-lhe as

têmporas grisalhas. A tosse veio repentina e ele escarrou uma posta de sangue. A mulher aproximou-se trazendo uma criança nos braços. Endireitou a gola puída do casaco e falou endireitando-lhe o colarinho amarelado:

– Logo assim que você sair da Usina, num esqueça de ir no doutor!

Falava pausadamente numa respiração asmática.

A criança começou a choramingar.

– Vá pra dentro, – disse ele – por causa do frio. A sua vontade era de voltar para o quarto e se enrolar no cobertor; necessitava de descanso. Tossiu.

– Acho bom você tomar outra xícara de café bem forte. Vem!

Ele atendeu. Ao lado dela, podia ouvir o chiado naquele peito esquelético.

A mulher deu a criança para ele segurar e foi para a beira do fogão à lenha tirar o café do bule que estava sobre a chapa. As lenhas crepitavam. Não havia diálogo entre eles. Colocou a criança sobre os joelhos e balançou-a devagar para que ficasse quieta e não sentisse frio.

– Parece que vai chover – disse entregando-lhe o caneco de ágata com o café fumegante. Apanhou a criança novamente. – Se a chuva aumentar, a estrada num vai ficá boa. Tome cuidado.

O homem bebia o café aos poucos, parecia que era ele quem sofria de asma. Olhou para o chão de terra batida e viu uma barata passar pelos seus pés. Espantou-a. O calor do fogão fazia com que desanimasse de ir enfrentar o frio lá fora.

A mulher chegou à porta, e vendo a chuva fininha que caía sem pena, murmurou:

– Estamos apodrecendo e ninguém toma conhecimento.

Ele colocou o caneco dentro de uma bacia com água perto da janela e disse passando a mão no rosto sentindo a barba áspera, por fazer:

– Dr. Silva, o deputado, prometeu que nos ajudaria. As eleições estão próximas – olhou-a como há muito não fazia. Compreendeu que ambos envelheceram sem se dar conta.

– Acho bom você ir. – Disse ela – A chuva tá aumentando.

– É – respondeu em tom amargo.

Ao chegar à porta, voltou-se e olhou para o interior do casebre como se tivesse a sensação de estar vendo-o pela primeira vez. Não falou nada, não havia palavras; os olhos falavam por si. Beijou-a na testa. Uma comichão repentina provocou-lhe a tosse; cuspiu sangue. A chuva aumentou. Subiu na

carroça, pegou nas rédeas e uma vara para espetar os bois...

– Êêêê boi! Quieto Manhoso! Sossega Raspão!

O candeiro solitário pôs os bois para puxarem a carroça. Já estava na porteira quando ouviu a mulher chamá-lo; vinha correndo sob a chuva...

– João! Espera João!

A terra lamacenta escorregava sob seus pés descalços. Entregou-lhe um pedaço de broa de milho embrulhada num pano. A chuva aumentou não se ouviu uma palavra de agradecimento, apenas um olhar de solidariedade. Ainda ficou parada sob a chuva até ver o marido desaparecer na curva da estrada. Voltou para o rancho, ouvindo a criança chorar.

Os bois puxavam a carroça com dificuldade; a estrada era estreita e cheia de curvas com subidas e descidas...

“Carro de boi que não canta não é boi!...”

– Êêêê boi!

Sentiu vontade de fumar. Tirou um cigarro de palha do bolso puído do paletó. Enquanto os bois puxavam morosamente, enrolou. A chuva não ajudava, mas mesmo assim, conseguiu. A primeira tragada provocou-lhe a tosse. Lembrou-se da voz da mulher:

“Você num devia fumar tanto assim, lembre-se do que o doutor falou.”

– Maria! – Murmurou num gemido antigo.

“Olha, você vai ver, este ranchinho ainda vai nos dar muita alegria. Você verá!”

“João, Deus queira que sim. Nós vamos ter um filho...”

– Maria! – Era um lamento.

Um filho. Meditava. Lembrou-se da mulher: asmática. Antes alegre,

hoje fria, com o corpo todo exalando a ervas e a respiração pedregosa.

– Maria! – Chamou num grito de socorro, de angústia de sofrimento.

Cuspiu uma placa de sangue. A chuva abrandara um pouco. Encolheu-se para proteger-se do frio.

As rodas derrapavam fazendo a carroça esbarrar no barranco que as águas da chuva desmanchavam como geléia. Tentou fumar novamente, mas não conseguiu. O tempo enfureceu novamente; os pingos da chuva tornaram-se forte e o céu escureceu. Encontrava-se numa subida bem no alto e o carro de boi seguia seu destino incólume.

Lá embaixo, na planície, a natureza parecia dormir... Estava morta!A relva molhada, o vento fustigando as folhas das mangueiras... Lá longe, ele divisou uma casinha branca sobre uma colina...

– Maria! – Murmurou com saudade.

Pensava ainda nas promessas, nas inúmeras promessas feitas pelos políticos à procura de votos. O último prometera que arranjaria para ele uma internação no Hospital de Pádua e que conseguiria sua aposentadoria pelo fundo rural. Até agora, nada fora feito em seu favor, Maria e o filho não passariam necessidades. A estrada seria consertada para que não houvesse problemas nos dias de chuva...

– Cambada de merdas! – Esbravejou.

Parou a carroça e foi mijar na beira do barranco. Ouviu um barulho estranho atrás de si e voltou o corpo para ver o que era. Viu que os bois também o imitavam; estampou um sorriso no rosto amargurado.

Novamente a chuva abrandara. Ficou por alguns segundos atento ao

silêncio da natureza; parecia que tudo a sua volta perdera a vida. Sentiu-se aliviado ao ver a fumaça subindo pela chaminé de um ranchinho que ficava lá embaixo à beira do rio. Subiu novamente na carroça e instigou os bois:

– Toca Raspão! Anda Manhoso! Êêêê boi!

Sonhou com tudo de bom para ele e a família. Sonhou com a sua cura e a da mulher; com outro lugar melhor...

Os bois sentiam dificuldade em puxar a carroça, suas patas escorregavam na lama. Saltava e ia ajudar no que podia; numa roda que atolara. Acariciava a cara dos animais conversando com eles como se eles o escutassem. E os bois continuavam cansados puxando a carroça. Iam se aproximando da curva...

Encontrava-se alheio à sua sorte que não reparou que uma das rodas

resvalava para o precipício e lentamente foi caindo ribanceira abaixo. Não teve tempo. Espatifaram-se nas pedras das margens do rio. Seu corpo encontrou a paz que tanto pedira, esmagado por uma das rodas que ainda girava ao sabor do destino...

Um dos bois caiu nas águas barrentas e lutava também contra sua sorte; lutando contra a correnteza que queria arrastá-lo.

Do ranchinho próximo, um cachorro apareceu latindo e um cheiro de comida impregnou o ar.

II

“Um Homem Comum”

A meteorologia previra uma onda de frio no final da tarde, e ela chegou com numa pontualidade britânica.

O frio deprimia muito; dava-lhe uma ociosidade repentina e gostosa. Se pudesse, pensava, seria como o urso hibernal, só sairia do eu esconderijo na primavera.

Nessa época do ano – no inverno –, sua mente, negava-se a contribuir para o seu bem estar. Sentia dificuldade em escrever qualquer artigo que fosse. Ninguém havia gostado de seus últimos artigos; na repartição acharam que ele andava um pouco longe da "realidade".

Olhou para o relógio de pulso: dez horas da manhã! E como sempre, na cidade maravilhosa, todos os domingos, no inverno, era a mesma coisa; a solidão impregnava as ruas. Realmente, pensou, o carioca ama sol! Sol é vida, disposição... Dez horas da

manhã e uma brisa fria cobria a cidade.

Sentado num dos bancos da praça N.S. da Paz, observava as pessoas passarem encolhidas em seus casacos cheirando a gaveta. Havia pouco movimento na feira de artesanato...

Tanta coisa ainda para resolver e ele ali estava, sentado... Alheio à vida, alheio a tudo...

"Lúcia, Lúcia!" – Murmurou.

Lúcia estava no hospital, agonizante, talvez. Desamparada, sozinha...

Havia passado toda noite e a madrugada, esperando uma resposta, para que pudesse por um fim aqueles momentos angustiosos. Por fim, a enfermeira o aconselhou a dar uma volta...

Uma volta...

Dar uma volta enquanto a morte rondava pronta para qualquer descuido.

Despertou de seus pensamentos ao sentir que alguém o olhava; era uma criança que o olhava atentamente e sorriu.

Sentiu a vista arder. Esfregou os dedos rapidamente. Talvez fosse uma vontade de chorar, por que não? Um homem não deve chorar, era essa sua filosofia. Um homem importante não chora, dizia sempre. Mas, quem era ele afinal? Nada mais que um simples homem comum. Um homem que tinha um bom emprego, que escrevia bons artigos... Um homem com esposa e uma filha adorável...

"Alessandra! Alessandra!"

Com todos aqueles acontecimentos, esquecera-se da menina.

Reconhecia que nunca fora bom pai... Talvez, quem sabe, um bom

marido também? Seria essa a razão de Lúcia ter feito o que fez?

"– Paulo! Ei, Paulo!

Voltou-se, era Samuel.

– Como é, vai haver casamento e nem convida mais os amigos!

– Sabe, essas formalidades eu deixei ao encargo de Lúcia. Fique tranqüilo, que você vai receber um...

O outro queria continuar a conversa, mas, sem ter nenhuma vontade de prolongar...

– Escuta aqui Samuel, outra hora a gente bate um papo melhor, tá. Tenho que ir correndo ao Jornal e já estou atrasado. Passe lá em casa qualquer hora!

Pegou um táxi."